

Quase nunca se sentiu com tanta agudeza a dor do historiador. É a dor do homem sentida muito antes de qualquer conhecimento, uma dor que o acompanha desde que escavou as primeiras tumbas. Aquele que escreve a história desejaria conservar os nomes e seu significado e, mais ainda, gostaria de redescobrir os nomes de cidades e povos há muito desaparecidos. É como depositar flores em um túmulo: “Vós, os mortos e também os inominados príncipes e guerreiros, escravos e malfetores, santos e prostitutas: não fiquéis tristes. Nós vos recordamos com amor.”

Mas este pensamento também tem um limite; ele também sucumbe com o tempo; todo monumento desmorona e, junto com os mortos, a coroa também se consome. Por que razão, apesar de tudo, continuamos a cultivar este rito? Poderíamos, como Omar, o Tecedor de Tendas, nos contentar em esgotar até a última gota o vinho xiraz, espatifando depois o copo de barro: o pó ao pó.

Acaso terão alguma vez seus túmulos abertos por um vigilante, serão despertados de seu sono pelo canto do galo? Assim deverá ser e um dos indícios é a tristeza, o tormento do historiador. Ele é o juiz dos mortos, quando já se extinguiu há muito o fragor da trombeta que acompanhava os poderosos, quando já foram esquecidos seus triunfos e suas vítimas, suas façanhas e suas vilanias.

Mas somente um indício. O tormento, a inquietude do historiador, seu trabalho incansável com meios imperfeitos em um mundo efêmero... nada disto pode ser sentido nem realizado sem uma indicação, criadora do indício. A perda do perfeito só pode ser sentida se o perfeito existe. A isto alude o indício, o tremor da pena na mão. A agulha da bússola treme porque existe um pólo com cujos átomos tem relação.

Como o poeta com a palavra, o historiador tem

que sopesar o fato — mais além do bem e do mal e de toda moral imaginável. Como na poesia as musas, aqui deve-se invocar as normas; apresentam-se, estão diante da mesa. O silêncio flutua no espaço: os túmulos se abrem.

Aqui também existem violadores de túmulos, que falseiam a poesia e os fatos com os olhos no comércio... e então é melhor se embebedar com Omar Khayam do que acompanhá-los em suas ofensas aos mortos.

Ao chegar aqui, houve no auditório um rumor de pés arrastando-se no chão. Ainda pude ouvi-lo até a metade do corredor, pois tinha saído discretamente, deixando a porta aberta. Mais tarde, na biblioteca, Vigo se referiu ao incidente:

“Você também achou antiquado demais o que falei?”

Sacudi a cabeça. Ao contrário, a aula tinha-me causado forte impressão. Tocara minha raiz mais profunda, meu próprio tormento. Não sei se acertei ao resumir suas idéias. Vigo dispõe de imensa provisão de imagens, as quais insere em seu discurso como se as tirasse do ar. Envolvem a seqüência das idéias sem perturbá-la; recordam as árvores cujas flores brotam diretamente do tronco.

Limitei-me, pois, como disse, a sacudir a cabeça; é melhor, sobretudo entre pessoas que adivinham os sentimentos antes de serem formulados. Senti que me compreendia. Aquele momento forjou nossa amizade.